

EDITORIAL

I — Contestação e Biblioteca Universitária

II — O perigo que correm as Bibliotecas Nacionais de Luanda e Lourenço Marques

I

A Universidade está a ser atacada e demolida por todos os lados. Os assaltos vêm dos sectores mais diversos, e até antagónicos. Ninguém já a defende, pois, todos à uma, lançam-se em larga grita a dizer: «Tem de ser reformada, tem de ser reformada!». Parece uma corrida contra o tempo e em busca de entidade abstracta que se chama Reforma!, Reforma!... Mas para lá dos aspectos mais imediatos e, na verdade, os mais visíveis, o que está em jogo são as raízes onde a própria universidade mergulha. A crise será a da sociedade de consumo — eufemismo que ora está no galarim da terminologia corrente de todo o intelectual à la page... — onde a Universidade também se abastece...

Não é aqui o local adequado para esboçarmos uma panorâmica de todo o caso. O nosso objectivo é bem mais modesto — nem podia ser doutra maneira...

Agora preocupa-nos a Biblioteca Universitária.

Não temos visto que os arautos das reformas, venham elas dos chamados progressivos ou dos chamados reaccionários, a tenham tomado muito a sério. Todos se limitam — afinal os bons espíritos sempre se chegam a encontrar num ponto... — a proclamar a sua reforma e actualização. E por aí se quedam, pois julgam que a biblioteca é só ter mais espaço para leitores e livros e possuir maior verba para adquirir mais espécies ou pagar a maior número de empregados.

Ora um dos males da biblioteca universitária tem sido precisamente o de ser encarada sob esta visão tão cândida e simplista: mais espaço e mais verba!...

Concedamos também que os nossos pedagogos, os nossos reformistas, não têm dedicado à Biblioteca Universitária o melhor dos seus lúcidos espíritos, pois doutra forma sempre teriam algo a dizer de mais substancial...

Realmente o nosso ensino superior tem de passar de vez para o Laboratório e para a Biblioteca. Há que mudar o centro de gravidade da lição magistral para estas duas instituições. E como fazê-lo? Alterar o que tem sido até aqui tradicional. Para isso, porém, há que transformar — e apenas no campo que estamos a tratar — o conceito de Biblioteca Universitária.

Habitualmente referem-se três grandes períodos para a evolução da Biblioteca Universitária:

- 1.º Período de conservação, onde se guardam religiosamente as espécies sem as comunicar;*
- 2.º Período de serviço em que ela pretende servir, com os seus catálogos, bibliografias, a maior massa possível de utilizadores;*
- 3.º Período da função educativa, que é aquele em que é o próprio utilizador que faz ali a sua formação, que descobre por si aquilo que irá utilizar na sua vida diária, na sua profissão.*

Ora nem vamos perguntar em qual dos estádios se encontra a biblioteca universitária portuguesa... Fazê-lo, seria um santo sudário de coisas pícaras e igualmente trágicas, onde cada um de nós era capaz de contar um conto bem desenvolvido e túrgido...

O que desejamos é que a Biblioteca Universitária salte para o centro das preocupações dos reformadores e que ela corresponda ao que uma educação actual exige.

Assim, ela terá de deixar de ser um exclusivo de um director para passar a dispor de uma direcção, de um corpo amplo, onde estejam representados os que sabem de bibliotecas — os técnicos, e por outro lado os seus utilizadores, isto é, o corpo docente e o discente. Fazer doutra forma, é tornar a biblioteca universitária feudo de um ou quinta de outro, com prejuízo de todos.

Dado este passo, que é fundamental, decisivo, entra-se então num campo que até aqui tem sido tabú, dada a tal noção de quinta, e aquele campo é o da coordenação, com todo o estendal de coisas positivas: catálogos colectivos, aquisições racionalizadas e bem distribuídas, iniciação em técnicas bibliográficas e documentais para os professores e alunos, etc., etc. As realizações e as iniciativas, desde que se mude a estrutura actual para aquela que se preconiza, virão em catadupa, pois são os próprios beneficiados que as irão impondo.

Timidamente, porém, nos campos dos bibliotecários estão surgindo movimentos neste sentido. É preciso acarinhá-los e é necessário que os próprios poderes compreendam e lhes dêem apoio, pois assim incentiva-se um movimento meritório. Doutra forma seremos capazes de deparar com movimentos contestatários explosivos e de consequências imprevisíveis, que levam à tábua raze de todos os valores que se defendem e que são património comum.

Agora ficar no imobilismo do costume ou pensar-se que isto é opinião sectária do bibliotecário, é rematada tolice. E então só nos resta repetir a frase do tonto, no meio da ponte, que berrava os sete berrados: «Durmam, durmam e depois acordarão mortos!...» Sábia opinião, e de um tonto em confusão plena...

A Biblioteca Universitária tem de ser colocada no devido lugar nas reformas universitárias. E não podem ser só as boas vontades a dizê-lo e os sábios a proclamá-lo ou a interferir em tal capítulo. É preciso ouvir, quanto antes, os técnicos dessas bibliotecas, que são, naturalmente, os bibliotecários, que são também os que conhecem o mundo complexo que é a Administração da Biblioteca Universitária.

II

No capítulo de bibliotecas nacionais está a fazer-se um esforço na nossa África digno de todos os encómos. Foi criada a Biblioteca Nacional de Lourenço Marques, que teve como seu primeiro director o nosso malogrado colega Jorge Cró. Veio depois a de Luanda, que teve como seus dinâmicos batalhadores os colegas António Correia e Adelino de Almeida Calado.

Ora estas duas excelentes realidades correm um risco de morte: a de não terem à sua frente técnicos capazes!

Chegam-nos notícias alarmantes. Dizem-nos que se indicam nomes de pessoas para a função directiva que não merecem confiança como técnicos, embora, sob o ponto de vista pessoal, nos possam merecer a maior consideração.

Uma biblioteca nacional não pode ser uma sinecura, onde se coloca alguém que anda em cata de mais um gancho, ou que tem a amizade do influente político... Fazê-lo, será cometer erro de morte. Aliás, um dos graves e tremendíssimos erros das nossas bibliotecas ou arquivos nacionais foi pensar-se que para aí deviam ir os amigalhaços políticos ou pessoas que sabiam umas coisas de livros ou que eram amantes da raridade bibliaca ou simples conhecedores de livros, em suma, bibliófilos... Hoje uma tal biblioteca é um estabelecimento técnico-administrativo da maior envergadura que não se coaduna com amadorismos ou com bons ou maus humores de quem os dirige. São máquinas técnicas de alta especialização. Todos os que fossem convidados para tal — e que não sejam técnicos da especialidade — a primeira coisa que deveriam fazer era meter a mão na consciência, reconhecerem que a tarefa os transcendente para logo concluírem pela recusa em aceitar tão bem intencionado convite.

Depois, no nosso Ultramar, o caso da direcção de uma Biblioteca Nacional atinge um melindre, uma delicadeza tais, que não se pode resolver a questão com uma medida leviana, colocando à sua frente um qualquer... Um estabelecimento deste género é um tal agente de promoção cultural, científica e técnica tão importante, que carece de ser apoiado por uma série de medidas inteligentes.

O nosso colega Adelino de Almeida Calado, hoje a levar a cabo em Luanda uma obra notabilíssima, veio a terreiro pôr o problema com toda a clareza e profundidade. Cadernos sentem-se honrados em transcrever, páginas adiante, as suas oportunas palavras publicadas na imprensa de Angola.

Ainda estamos todos — dirigentes, políticos e técnicos — a tempo de arrear caminho, evitando que em dois organismos onde depositamos tanta esperança se vá pôr à sua frente gente sem capacidade técnica. Fazê-lo é, repita-se, matar duas excelentes realizações. É como fazer bem com uma das mãos e ir, sub-repticiamente, com a outra, deitar abaixo essa notável concretização... Fazer e desfazer — triste sina que não se deve deixar mais prolongar, e muito menos no Ultramar, que bem precisa de trabalho em profundidade, válido, e que não deve ser campo para uns tantos arrecadarem mais umas verbas assistenciais ou para satisfazerem as suas vaidadezinhas pessoais... Cuidado e mais cuidado, eis o que podemos recomendar a quem tem responsabilidades de decisão...

Não, não terminante, a todos os que não sejam técnicos idóneos, capazes. Basta ao amadorismo, ao mal preparado, ao técnico incompetente!

Decisão dolorosa, dura? Por certo. Mas única.